

Editorial

Sob o impacto da pandemia do novo coronavírus que assolou o planeta em 2020 e da já irreversível crise climática provocada por um modelo de civilização insustentável, a escritora, repórter e documentarista Eliane Brum escreveu o artigo “O futuro pós-coronavírus já está em disputa”, publicado originalmente em 04 de abril de 2020 no jornal El País, onde aponta alguns desafios para nossa reflexão e construção de novos cenários.

Em alguns trechos em especial do artigo, nós da Revista Brasileira de Educação Ambiental identificamos muita similaridade com bandeiras e lutas defendidas há décadas pelos educadores brasileiros, sobre as quais já temos alguma maturidade para nos posicionar. Eis os trechos:

“No estágio neoliberal do capitalismo todas as relações são, ao mesmo tempo, reduzidas ao consumo – e submetidas ao consumo. O que define cada ‘indivíduo’ é sua capacidade de consumir. Suas escolhas se reduzem a escolher entre produtos, marcas, preços, cores, formatos; sua liberdade é a de consumir o que sua renda permitir e a de desejar se exaurir mais para ter mais dinheiro para consumir. Toda a vida é mediada por mercadorias e, acima de qualquer outra identidade, você é consumidor.

O Brasil tem dois enfrentamentos urgentes para fazer: a disputa do presente, que é o novo coronavírus, e a disputa do futuro, que se dá também agora, no presente.

Parece impossível disputar o futuro nessas condições. Mas tudo o que temos é encontrar um caminho para minar a criatura chamada capitalismo, que no nosso tempo se expressa pelo neoliberalismo, e impedir que se regenere. Mais do que nunca, hoje lutamos pela vida.

[...]

Antes que alguém levante a balela do desenvolvimento ‘sustentável’ como a panaceia capaz de colocar o capitalismo de novo nos trilhos, vale escutar outro pensador, este indígena. Autor de Ideias para adiar o fim do mundo (Companhia das Letras), Ailton Krenak provocou ódio e ranger de dentes tempos atrás, ao afirmar que ‘sustentabilidade era vaidade pessoal’. Toda corporação, incluindo as mais destrutivas, tem hoje um gerente de sustentabilidade. Faz parte da capacidade de cooptação e adaptação do capitalismo. Sempre uma cretinice a mais.

Diz então a verdade terrível, que é também o ponto de partida de qualquer proposta para o futuro que formos capazes de esboçar: ‘Nós somos uma

civilização insustentável, nós somos insustentáveis. Como é que então vamos produzir alguma coisa em equilíbrio?’. Este é o desafio”.

Lembrando que o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento identitário do movimento ambientalista brasileiro e mundial, já tratava de propor a construção de um novo modelo de civilização, onde o conceito de desenvolvimento deixasse de significar crescimento e transmutasse para outros valores fundamentais para a manutenção da vida no planeta e das sociedades humanas, vale apontar algumas proposições que Eliane faz nesse seu artigo:

“Nós, os que hoje estamos vivos, nunca enfrentamos uma ameaça como o novo coronavírus. Se tantos repetem que o mundo nunca mais será o mesmo, qual é então o mundo que queremos?”

Se não o fizermos, a retomada da “normalidade” será a volta da brutalidade cotidiana que só é “normal” para poucos, uma normalidade arrancada da vida dos muitos que diariamente têm seus corpos esgotados. O rompimento do “normal”, provocado pelo vírus, pode ser a oportunidade para desenhar uma sociedade baseada em outros princípios, capaz de barrar a catástrofe climática e promover justiça social. O pior que pode nos acontecer depois da pandemia será justamente voltar à ‘normalidade’.

[...]

A tarefa é inadiável. Se não fizermos isso, o mundo pós-coronavírus será ainda mais brutal e o colapso climático se aprofundará. Para o extermínio da natureza não há nem jamais haverá vacina. Nosso futuro depende de enterrar o sistema capitalista que exauriu o planeta e nos trouxe até o tempo das pandemias. E para isso também não serve o comunismo que explorou, destruiu vidas, corroe a natureza e oprimiu os corpos. Precisamos encontrar outros caminhos. E rápido. Muitos dizem que é ingênuo. Outros dizem que é impossível. O que é ingênuo é sentar na cadeira de pregos que se tornou o presente e esperar os efeitos da brutal superexploração da natureza (terminar de) deformar a face do planeta. Impossível é seguirmos vivendo como temos vivido”.

Ante essa provocação e chamamento, a Revista Brasileira de Educação Ambiental entendeu que os Educadores Brasileiros têm algo a dizer. Por este motivo, lançou um Edital-Chamamento para que pudéssemos dar (mais uma vez) nossa contribuição ao debate por meio da publicação desta **Edição Especial de nossa Revista**, cujo nome é: **“Educadores Ambientais frente à crise de uma pandemia: qual futuro queremos e como construí-lo com justiça social e ambiental”**. Tratou-se de uma oportunidade de nos debruçarmos sobre os labirintos de várias realidades Brasil afora e de

transformarmos nossos ideais em propostas concretas, factíveis, que contribuam, de fato, para a implantação de Sociedades Sustentáveis.

Ao todo recebemos 48 artigos completos, dos quais selecionamos 35 para compor a edição, ficando os demais para edições futuras. enviar seus artigos. Os manuscritos foram analisados por um Comitê de Editores Convidados, liderados pela Educadora Ambiental Simone Mamede.

Para orientar os autores na construção dos cenários de futuro propostos, foi-lhes sugerido que tentassem apresentar algumas respostas às perguntas feitas pelo pensador francês Bruno Latour, também citado no artigo de Eliane Brum, com relação ao final do isolamento social devido à pandemia e para o enfrentamento da crise climática que vivemos:

- 1) Quais as atividades agora suspensas que você gostaria que não fossem retomadas?
- 2) Descreva por que essas atividades lhe parecem prejudicial/supérflua/perigosa/sem sentido e de que forma o seu desaparecimento/suspensão/substituição tornaria outras atividades que você prefere mais fáceis/pertinentes.
- 3) Que medidas você sugere para facilitar a transição para outras atividades daqueles trabalhadores/empregados/agentes/empresários que não poderão mais continuar nas atividades que você está suprimindo?
- 4) Quais as atividades agora suspensas que você gostaria que fossem ampliadas/retomadas ou mesmo criadas a partir do zero?
- 5) Descreva por que essas atividades lhe parecem positivas e como elas tornam outras atividades que você prefere mais fáceis/harmoniosas/pertinentes e ajudam a combater aquelas que você considera desfavoráveis.
- 6) Que medidas você sugere para ajudar os trabalhadores/empregados/agentes/empresários/educadores a adquirir as capacidades/meios/receitas/instrumentos para retomar/desenvolver/criar estas atividades?

Perguntas às quais acrescentamos mais uma questão/síntese: **Como construir Sociedades Sustentáveis frente à crise climática e de saúde mundial?**

Também foram considerados diagnósticos e relatos de experiência que reportam ações de Educadores Ambientais frente ao momento de pandemia, tais como: soluções criativas e inovadoras, ações educativas que assegurem

conforto emocional, qualidade de vida e segurança para as comunidades em cumprimento aos direitos fundamentais e constitucionais.

Fica o registro de que esta Edição vai ao ar no dia 06 de agosto de 2020, data em que a humanidade relembra os 75 anos da trágica explosão de uma bomba sobre Hiroshima, provocando a morte de mais de 90.000 seres humanos. Nesta data de hoje, o número de mortos por COVID-19 no Brasil já havia superado essa triste marca. Gostaríamos de manifestar nosso profundo pesar às famílias que perderam seus entes queridos.

Como hoje também é o dia dos profissionais da Educação, sigamos na tentativa de construção um mundo melhor.

Boa leitura a todos.

Simone Mamede - Editora Convidada para esta Edição Especial

Zysman Neiman - Editor Chefe da Revista Brasileira de Educação Ambiental

Editorial

Under the impact of the new coronavirus pandemic that hit the planet in 2020 and the already irreversible climate crisis caused by an unsustainable civilization model, writer, reporter and documentary filmmaker Eliane Brum wrote the article “The future post-coronavirus is already up for grabs” , originally published on April 4, 2020 in the newspaper El País, where it points out some challenges for our reflection and construction of new scenarios.

In some excerpts in particular from the article, we from the Brazilian Journal of Environmental Education identified a lot of similarity with flags and defended fights for decades by Brazilian educators, on whom we already have some maturity to position ourselves. Here are the excerpts:

“In the neoliberal stage of capitalism, all relations are, at the same time, reduced to consumption - and submitted to consumption. What defines each ‘individual’ is their ability to consume. Your choices are reduced to choosing between products, brands, prices, colors, formats; his freedom is to consume what his income allows and to wish to exhaust himself more in order to have more money to consume. All life is mediated by goods and, above all other identities, you are a consumer.

Brazil has two urgent confrontations to do: the present dispute, which is the new coronavirus, and the dispute of the future, which also occurs now in the present.

It seems impossible to dispute the future in these conditions. But all we have is to find a way to undermine the creature called capitalism, which in our time is expressed by neoliberalism, and prevent it from regenerating. More than ever, today we are fighting for life.

[...]

Before someone raises the bar of 'sustainable' development as the panacea capable of putting capitalism back on track, it is worth listening to another thinker, this indigenous. Author of Ideas to postpone the end of the world (Companhia das Letras), Ailton Krenak provoked hatred and gnashed teeth a long time ago, by stating that 'sustainability was personal vanity'. Every corporation, including the most destructive ones, today has a sustainability manager. It is part of capitalism's ability to co-opt and adapt. Always a little too stupid.

Then he says the terrible truth, which is also the starting point of any proposal for the future that we are able to outline: 'We are an unsustainable civilization, we are unsustainable. How then are we going to produce something in balance?'. This is the challenge".

Recalling that the Environmental Education Treaty for Sustainable Societies and Global Responsibility, an identity document of the Brazilian and worldwide environmental movement, already tried to propose the construction of a new model of civilization, where the concept of development no longer meant growth and transmute it to other fundamental values for the maintenance of life on the planet and of human societies, it is worth pointing out some propositions that Eliane makes in her article:

"We, who are alive today, never face a threat like the new coronavirus. If so many repeat that the world will never be the same, then what is the world we want?"

If we don't, the resumption of "normality" will be the return of daily brutality that is only "normal" for a few, a normality taken from the life of the many who daily have their bodies depleted. The disruption of "normal", caused by the virus, may be the opportunity to design a society based on other principles, capable of stopping the climate catastrophe and promoting social justice. The worst that can happen to us after the pandemic will be to return to 'normality'.

[...]

The task is urgent. If we don't do that, the post-coronavirus world will be even more brutal and the climate collapse will deepen. For the extermination of nature there is not and will never be a vaccine. Our future depends on burying the capitalist system that exhausted the planet and brought us back to the time of pandemics. Nor does communism serve this purpose, which exploited, destroyed lives, eroded nature and oppressed bodies. We need to find other ways. Is fast. Many say it is naive. Others say it is impossible. What is naive is to sit on the nail chair that has become the present and wait for the effects of nature's brutal overexploitation (to finish deforming the face of the planet). It is impossible for us to continue living as we have lived".

Before this provocation and call, the Revista Brasileira de Educação Ambiental understood that Brazilian Educators have something to say. For this reason, it launched an Edital-Chamamento so that we could (once again) contribute to the debate through the publication of this Special Edition of our Magazine, whose name is: "Environmental Educators in the face of a pandemic crisis: what future do we want and how to build it with social and environmental justice". It was an opportunity to look at the labyrinths of various realities in Brazil and to transform our ideals into concrete, feasible proposals that contribute, in fact, to the implantation of Sustainable Societies.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: I-VIII, 2020.

In all, we received 48 complete articles, of which we selected 35 to compose the edition, the others remaining for future editions. submit your articles. The manuscripts were analyzed by a Committee of Invited Editors, led by Educadora Ambiental Simone Mamede.

To guide the authors in the construction of the proposed future scenarios, it was suggested that they try to present some answers to the questions asked by the French thinker Bruno Latour, also mentioned in the article by Eliane Brum, regarding the end of social isolation due to the pandemic and to face the climate crisis that we are experiencing:

- 1) What activities now suspended that you would like not to resume?
- 2) Describe why these activities seem to you harmful / superfluous / dangerous / meaningless and how your disappearance / suspension / substitution would make other activities that you prefer easier / relevant.
- 3) What measures do you suggest to facilitate the transition to other activities of those workers / employees / agents / entrepreneurs who will no longer be able to continue in the activities you are suppressing?
- 4) What activities are now suspended that you would like to be expanded / resumed or even created from scratch?
- 5) Describe why these activities seem positive and how they make other activities that you prefer easier / harmonious / pertinent and help to combat those that you consider
- 6) What measures do you suggest to help workers / employees / agents / entrepreneurs / educators acquire the skills / means / recipes / instruments to resume / develop / create these activities?

Questions to which we add one more question / synthesis: How build Sustainable Societies in the face of the global health and climate crisis?

Diagnostics and experience reports that report actions by Environmental Educators in the face of the pandemic were also considered, such as: creative and innovative solutions, educational actions that ensure emotional comfort, quality of life and security for communities in compliance with fundamental and constitutional rights.

It is recorded that this Edition will air on August 6, 2020, the date on which humanity remembers the 75 years of the tragic bomb explosion over Hiroshima, causing the death of more than 90,000 human beings. As of today, the number of deaths by COVID-19 in Brazil had already surpassed this sad mark. We

would like to express our deepest sympathy to the families who lost their loved ones.

As today is also the day of Education professionals, let us continue in the attempt to build a better world.

Good reading to all.

Zysman Neiman - Chief Editor of the Brazilian Journal of Environmental Education

Simone Mamede - Invited Editor